

**ESCALAS DE AVALIAÇÃO DA INTERAÇÃO MÃE-BEBÉ:
VERSÃO PORTUGUESA DAS *INTERACTION RATING SCALES*
ASSESSMENT OF MOTHER - BABY INTERACTION: PORTUGUESE
VERSION OF *INTERACTION RATING SCALES***

Bárbara Figueiredo[☒] & Cláudia Dias

Escola de Psicologia, Universidade do Minho, Braga, Portugal.

RESUMO- As Escalas de Avaliação da Interação Mãe-Bebé constituem a versão portuguesa das *Interaction Rating Scales*, propostas por Field (1980), e têm por objetivo avaliar a interação mãe-bebé, aos 3 meses de idade do bebé. As Escalas de Avaliação da Interação Mãe-Bebé foram administradas a 51 díades mãe-bebé aos 3, 6 e 12 meses pós-parto. A versão portuguesa das escalas mostrou elevados índices de consistência interna – Alfa de Cronbach 0,85 (IRSff bebé), 0,91 (IRSff mãe), 0,87 (IRSal bebé), 0,82 (IRSal mãe), assim como elevada fidelidade e validade concorrente e preditiva. As Escalas de Avaliação da Interação Mãe-Bebé assume-se, assim, como um instrumento robusto na avaliação da interação mãe-bebé, na situação de interação face-a-face e na situação de interação alimentar, podendo ser utilizadas em diferentes amostras e contextos, clínicos e de investigação.

Palavras-chave- Interação mãe-bebé; Interação Face-a-Face; Interação Alimentar

ABSTRACT- The Escalas de Avaliação da Interação Mãe-Bebé are a portuguese version of the *Interaction Rating Scales* proposed by Field (1980); aim to evaluate the mother-infant interaction at infant's 3 months old. The translated version was administered to 51 mother-infant dyads at 3, 6, and 12 months postpartum. The Portuguese version showed high levels of internal consistency – Cronbach's Alpha .85 (IRSface-to-face infant), .91 (IRS face-to-face mother), .87 (IRSfeeding infant), .82 (IRSfeeding mother) – concurrent and predictive validity and reliability. The Escalas de Avaliação da Interação Mãe-Bebé are an important instrument on the evaluation of mother-infant interaction and it could be used with different samples and in clinical and research contexts.

Keywords- Mother-Infant Interaction; Face-to-Face Interaction; Feeding Interaction

Recebido em 14 de Março de 2013/ Aceite em 29 de Outubro de 2013

A interação mãe-bebé tem recebido ampla atenção de diversos estudos e autores, na medida em que se assume como um dos alicerces fundamentais no desenvolvimento da criança. A sua avaliação tem-se mostrado necessária em contexto clínico e de investigação.

As Escalas de Avaliação da Interação Mãe-Bebé aqui apresentadas constituem a versão portuguesa das *Interaction Rating Scales* (IRS), propostas por Field (1980). As IRS destinam-

☒ Bárbara Carvalho Fernandes Figueiredo. Escola de Psicologia. Universidade do Minho. Campus de Gualtar. 4710-057 Braga. Portugal. Email: bbf@psi.uminho.pt.

se a avaliar a interação mãe-bebé em duas situações: face-a-face (*Face-to-Face Interaction*) e alimentar (*Feeding Interaction*), na idade de 3 meses do bebé.

A versão original das IRS foi alvo de estudos psicométricos pela sua autora, demonstrando um elevado coeficiente de acordo entre codificadores (entre 0,81 e 0,96), e uma elevada consistência interna (Alfa de Cronbach = 0,76) (Field, 1980).

Os estudos levados a cabo com as IRS têm demonstrado a sua validade, nomeadamente com amostras de mães deprimidas (e.g., Field et al., 2010; Figueiredo, 2007; Jones et. al., 1997; Martinez et al., 1996) e bebés prematuros (e.g., Field, Widmayer, Stringer, & Ignatoff, 1980; Parker-Loewen & Lytton, 1987).

Field (1984) verificou que os bebés de mães deprimidas apresentavam, mais frequentemente, expressões faciais negativas, protestos, embora menos vocalizações e expressões faciais positivas na interação com a mãe, do que os bebés das mães não-deprimidas, mesmo quando estas mães agiam como deprimidas. Num outro estudo com mães deprimidas utilizando as IRS, foi possível verificar que os bebés apresentavam um comportamento interativo mais adequado quando as suas mães apresentavam um estilo intrusivo em oposição a um estilo evitante (Jones et. al., 1997).

Martinez et al. (1996) avaliaram mães adolescentes deprimidas na interação com os seus próprios filhos e com filhos de mães não-deprimidas. Verificaram que, quando em interação com as mães deprimidas, os bebés de mães não-deprimidas apresentavam um resultado mais elevado do que os bebés de mães deprimidas; concluindo que, quando deprimidas, as mães apresentavam uma interação menos adequada. Num outro estudo, mães que se encontravam deprimidas aos 3 meses pós-parto, apresentavam uma interação menos adequada com o seu bebé, quer nesse momento, quer em momentos subsequentes, aos 6 e 12 meses de idade do bebé (Figueiredo, 1997). Todavia, Field et al. (2010) não encontraram diferenças entre mães deprimidas e não deprimidas na avaliação da interação mãe-bebé durante a situação alimentar. Por sua vez, as mães que amamentavam ao peito os seus bebés (deprimidas e não deprimidas) apresentavam resultados mais elevados nas IRS.

As IRS também demonstraram a sua validade quando utilizadas em amostras de mães que haviam apresentado problemas na gravidez, tais como dificuldades conjugais e ambivalência face ao bebé (Field et al., 1985). Aos 3-5 meses após o parto, estas mães apresentavam mais sintomas de ansiedade e depressão e, quando avaliadas na interação com o bebé, os seus resultados eram mais baixos do que os das mães que não haviam apresentado problemas no terceiro trimestre de gestação.

Field et al. (1980) avaliaram os efeitos de um programa de intervenção parental junto de mães adolescentes de bebés prematuros. Após o programa, os bebés prematuros apresentavam um maior desenvolvimento e, quer os bebés, quer as mães, apresentavam resultados mais elevados na interação mãe-bebé.

Parker-Loewen e Lytton (1987) avaliaram, igualmente, os efeitos de um programa de intervenção acerca dos padrões de interação junto de mães e bebés prematuros. Os autores recorreram às IRS de modo a analisar o comportamento interativo das díades após o programa de intervenção. Contudo, não foram encontradas diferenças significativas entre o grupo que beneficiou do programa de intervenção e o grupo de controlo, excetuando no que se refere ao conhecimento do desenvolvimento do bebé, onde o grupo experimental apresentou resultados superiores.

Este estudo teve como objetivo validar a Versão Portuguesa das IRS, para avaliação da interação na díade mãe-bebé em situação de interação face-a-face e em situação de interação alimentar, aos 3 meses de idade do bebé.

MÉTODOS

Participantes

A amostra selecionada neste estudo incluiu 51 díades mãe-bebé recrutadas no norte do país. Os critérios utilizados para a seleção da amostra compreenderam, para o bebé: gestação simples; trabalho de parto não superior a 24 horas; parto eutócico; idade gestacional à nascença entre as 38 e as 42 semanas inclusivamente; peso à nascença entre o percentil 10 e 90 inclusivamente; índice *apgar* de 10 aos 5 minutos e exame pediátrico normal à nascença; período de separação da mãe à nascença não superior a 12 horas; ausência de problemas de saúde que envolvessem o internamento durante os 3 primeiros meses de vida. Para a mãe, idade entre os 18 e os 35 anos, inclusivamente; estado civil casada ou em coabitação com o pai do bebé há pelo menos um ano; nacionalidade portuguesa ou residente em Portugal há pelo menos 10 anos; etnia caucasiana; primípara e com 4 ou mais anos de escolaridade.

A amostra foi selecionada com base nos registos de nascimentos de uma Conservatória do Registo Civil da Cidade do Porto. Foram enviadas cartas às mães a explicar os objetivos e procedimentos do estudo. Foi solicitado às mães primíparas que respondessem à carta em conjunto com um questionário de identificação. Das 1008 cartas enviadas, foram recebidas 348 respostas (índice de resposta de 35%), das quais 120 foram excluídas por não preencherem os critérios de inclusão. O presente estudo foi conduzido após amostragem aleatória e consideradas as respostas recebidas.

O quadro 1 apresenta as principais características sociodemográficas das mães e bebés da amostra.

Quadro 1-

Características Sociodemográficas da amostra

Características Sociodemográficas da Amostra

| | <i>N</i> | <i>%</i> |
|------------------------------------|-----------|-------------|
| <i>Idade (anos)</i> | | |
| <i>18-20</i> | <i>8</i> | <i>16%</i> |
| <i>21-25</i> | <i>16</i> | <i>31%</i> |
| <i>26-30</i> | <i>16</i> | <i>31%</i> |
| <i>31-35</i> | <i>11</i> | <i>26%</i> |
| <i>Estado civil (anos)</i> | | |
| <i>Casada</i> | <i>45</i> | <i>88%</i> |
| <i>Em regime de coabitação</i> | <i>6</i> | <i>12 %</i> |
| <i>Anos de escolaridade</i> | | |
| <i>≥15</i> | <i>13</i> | <i>26%</i> |
| <i>≥9</i> | <i>4</i> | <i>8%</i> |
| <i>≥6</i> | <i>14</i> | <i>27%</i> |
| <i>≥ 4</i> | <i>20</i> | <i>39%</i> |

| | | |
|--|----|-------|
| Nível Ocupacional | | |
| <i>Superior</i> | 8 | 16% |
| <i>Médio-superior</i> | 11 | 21% |
| <i>Médio</i> | 6 | 11.5% |
| <i>Médio-inferior</i> | 10 | 20% |
| <i>Inferior</i> | 10 | 20% |
| <i>Doméstica</i> | 6 | 11.5% |
| Classificação social do agregado familiar | | |
| <i>Classe I – Alta</i> | 8 | 16% |
| <i>Classe II – Média-Alta</i> | 13 | 25% |
| <i>Classe III – Média</i> | 18 | 35% |
| <i>Classe IV – Baixa</i> | 12 | 24% |
| <i>Classe V – Pobreza</i> | 0 | 0% |
| Sexo do bebé | | |
| <i>Masculino</i> | 31 | 61% |
| <i>Feminino</i> | 20 | 39% |

Material

Escalas de Avaliação da Interação Mãe-Bebé: Cada uma das escalas IRS compreende uma avaliação do comportamento do bebé e uma avaliação do comportamento da mãe. No que se refere ao bebé, são consideradas diversas dimensões, tais como: o seu estado durante a interação (de sonolento a alerta), a atividade física apresentada, a orientação da cabeça face à mãe, o contato ocular, as expressões faciais, a rabugice, as vocalizações positivas e a persistência na alimentação. Relativamente à mãe, é considerado o estado durante a interação (que pode ser cotado entre ansiosa/deprimida e atenta/alerta), a atividade física, a orientação da cabeça face ao bebé, o contato ocular, o silêncio durante a aversão do olhar do bebé, as expressões faciais, as vocalizações apresentadas, os comportamentos infantilizados, as respostas contingentes face ao comportamento do bebé, o comportamento de jogo, a remoção do biberon/mamilo, o ato de colocar o bebé a arrotar e a persistência no aleitar (ver escalas em anexo).

As escalas são preenchidas no final do visionamento de um registo vídeo de cada uma das situações de interação, sendo o período de registo de aproximadamente 5 a 8 minutos para cada escala, e pode ser realizado em casa ou no laboratório. A cotação é efetuada por dois ou mais observadores, sendo calculada, posteriormente, a percentagem de acordo entre eles. Sugere-se considerar o valor de média entre as cotações dos diversos observadores e ponderar a recotação de um item, caso seja avaliado com mais de um ponto de diferença por parte de pelo menos um observador.

A escala para a situação face-a-face (IRSff) é constituída por 7 itens para a avaliação do comportamento do bebé e 10 itens para avaliação do comportamento da mãe. Cada item é cotado com 1, 2 ou 3, consoante o comportamento apresentado pela mãe e bebé. Os somatórios das pontuações variam entre os valores mínimo de 7 e máximo de 21 para o bebé e os valores mínimo de 10 e máximo de 30 para a mãe. Como os resultados da avaliação do

comportamento interativo da mãe e do bebé devem ser divididos pelo número de itens, os resultados nas IRSff variam, para o comportamento interativo quer do bebé quer da mãe, entre 1 e 3.

A escala para a situação alimentar (IRSal) é constituída por 5 itens referentes ao comportamento do bebé e 9 itens relativos ao comportamento da mãe. Cada item é cotado com 1, 2 ou 3, sendo que os resultados variam entre os valores 5 e 15 para o bebé e 9 e 27 para a mãe. Como os resultados da avaliação do comportamento interativo da mãe e do bebé devem ser divididos pelo número de itens, os resultados nas IRSal variam, para o comportamento interativo quer do bebé quer da mãe, entre 1 e 3.

O resultado final de cada escala (total IRSff e IRSal) é obtido a partir do somatório das pontuações encontradas em cada item a dividir pelo número de itens da escala. Como os resultados da avaliação do comportamento interativo da mãe e do bebé devem ser divididos pelo número de itens, os resultados relativos à qualidade da interação nas IRSff e IRSal variam entre 1 e 3.

Em todas as referidas situações, quanto mais elevada for a classificação de cada elemento da díade – mãe e bebé –, melhor é a qualidade do seu comportamento interativo; reportando-se o valor total da escala à qualidade da interação mãe-bebé.

Procedimento

A versão original das escalas foi traduzida para português, após a autorização da autora para a realização do estudo. Procedeu-se à retroversão da versão traduzida, com posterior discussão dos itens em que se observou desacordo, resultando a versão portuguesa das escalas que se apresenta em anexo.

A versão portuguesa das escalas foi seguidamente administrada a 51 díades mãe-bebé aos 3, 6 e 12 meses de idade do bebé, relativamente à situação face-a-face e à situação de alimentação, tendo sido avaliada a consistência interna dos itens, a fidelidade dos resultados e a fidelidade das escalas (Figueiredo, 1997).

As mães foram contactadas por telefone a fim de agendar um primeiro encontro. Foi referido às mães que se tratava de um estudo de investigação e que haviam sido aleatoriamente selecionadas, a partir das cartas que tinham devolvido. Todas as mães contactadas aceitaram participar no estudo e assinaram posteriormente um consentimento informado. Neste contato telefónico, foi ainda explicado às mães o procedimento do estudo, nomeadamente a necessidade de filmar a interação num momento em que o bebé se encontrasse desperto e os momentos de avaliação (aos 3, 6 e 12 meses pós-parto). As interações tiveram lugar na casa das participantes, de modo a minimizar a reatividade habitual dos sujeitos.

RESULTADOS

À semelhança da versão original, também na versão adaptada foi calculado o acordo entre observadores. As cotações foram efetuadas por dois investigadores independentes, com formação prévia na administração dos instrumentos. De forma a avaliar este acordo, foi calculada a Percentagem de Concordância, que é obtida através da divisão do número de acordos entre os observadores pela soma dos acordos e desacordos. A Percentagem de

Concordância na pontuação de todos os itens das ambas escalas foi significativa ou muito significativa, apresentando coeficientes entre um mínimo de 0,78 e máximo de 0,95.

A consistência interna dos itens foi analisada através do cálculo dos coeficientes alfa para a avaliação das escalas aos 3 meses de idade do bebé ($N=51$). Na situação face-a-face, os coeficientes encontrados foram de 0,85 para o bebé e 0,91 para mãe. Na situação alimentar, foram encontrados coeficientes de 0,87 para o bebé e 0,82 para a mãe. Os elevados valores encontrados indicam a homogeneidade dos itens para ambas as situações quer para o comportamento da mãe, quer para o do bebé, à semelhança do que ocorreu com a versão original.

A fidelidade dos resultados obtidos foi avaliada através do método de teste-reteste para as duas administrações sucessivas das escalas aos 3 e 6 meses ($N=46$) e 6 e 12 meses de idade do bebé ($N=45$). No que se refere ao comportamento do bebé foram encontrados coeficientes de 0,56 e 0,62 para a situação face-a-face e coeficientes de 0,53 e 0,60 para a situação alimentar. Os coeficientes encontrados relativamente ao comportamento interativo da mãe foram de 0,70 e 0,77 para a situação face-a-face e 0,54 e 0,63 para a situação alimentar. Os elevados coeficientes encontrados permitem concluir quanto à estabilidade dos resultados obtidos na administração da versão portuguesa das escalas IRS.

O método da divisão em duas partes foi utilizado para avaliar a fidelidade das escalas administradas aos 3 meses de idade ($N=51$), tendo sido encontrados elevados valores de correlação, quer para a escala IRSff (0,86 para a avaliação do bebé e 0,90 para a da mãe), quer para a escala IRSal (0,87 para o bebé e 0,82 para a mãe).

A versão portuguesa das escalas IRS também foi avaliada relativamente à validade concorrente e validade preditiva (Figueiredo, 1997). Apresentou validade concorrente, na medida em que, aos 3 meses após o parto, se encontrou uma correlação positiva e significativa entre os resultados nas escalas IRSff e IRSal para o comportamento da mãe e os resultados do Inventário HOME para Crianças dos 0 os 3 anos (*Home Observation for Measurement of the Environment*, HOME, Caldweel & Bradley, 1984): respectivamente – 0,36 ($p < .05$) para a IRSff e 0,60 ($p < .01$) para a IRSal. Do mesmo modo, no que concerne ao comportamento do bebé, os resultados das escalas também se correlacionaram positiva e significativamente com as Escalas para Avaliação do Desenvolvimento do Bebé de Bayley (*Bayley's Scales of Infant Development*, BSID, Bayley, 1993) – 0,52 ($p < .01$) aos 3 meses de idade do bebé.

A validade preditiva das escalas foi igualmente analisada, mediante a correlação dos seus valores aos 3 meses de idade do bebé com os resultados obtidos no Inventário de HOME (para o comportamento da mãe) e nas BSID (para o comportamento do bebé) aos 12 meses de idade. As mães que, aos 3 meses pós-parto, apresentavam um comportamento interativo mais adequado na IRSff e na IRSal, eram as que providenciavam cuidados mais adequados aos 12 meses pós-parto, quando avaliadas no Inventário HOME. Por sua vez, os bebés que apresentavam um comportamento interativo mais adequado aos 3 meses de idade nas IRSff e IRSal, apresentavam, nas BSID aos 12 meses de idade, uma orientação social mais adequada com a mãe (0,52, $p < 0,01$), com o observador (0,43, $p < 0,01$) e com as pessoas em geral (0,30, $p < 0,05$), assim como maior cooperação face ao observador (0,30, $p < 0,05$) e evidenciavam menos receio face a ele (-0,40, $p < 0,01$).

A análise dos itens permitiu concluir a existência de correlações positivas entre as subescalas para a mãe e para o bebé e o total da IRSff e da IRSal. Por outro lado, também foi

encontrada uma correlação positiva significativa entre os resultados dos itens e das sub-escalas e da escala total (Quadro 2).

Quadro 2-
Correlações entre os itens e a escala total

| IRS ff | | | IRS al | | |
|---------------|-------------------------------------|--------------------------------------|---------------|-------------------------------------|--------------------------------------|
| <i>Item</i> | <i>Correlação item-escala (mãe)</i> | <i>Correlação item-escala (bebé)</i> | <i>Item</i> | <i>Correlação item-escala (mãe)</i> | <i>Correlação item-escala (bebé)</i> |
| 1. | 0,83 | 0,54 | 1. | 0,57 | 0,58 |
| 2. | 0,89 | 0,65 | 2. | 0,63 | 0,64 |
| 3. | 0,58 | 0,85 | 3. | 0,72 | 0,37 |
| 4. | 0,50 | 0,83 | 4. | 0,66 | 0,57 |
| 5. | 0,47 | 0,86 | 5. | 0,62 | 0,10 |
| 6. | 0,90 | 0,73 | 6. | 0,63 | |
| 7. | 0,90 | 0,59 | 7. | 0,75 | |
| 8. | 0,78 | | 8. | 0,60 | |
| 9. | 0,88 | | 9. | 0,63 | |
| 10. | 0,84 | | | | |

Os valores de média e desvio-padrão encontrados após a administração da versão portuguesa das IRS aos 3 meses de idade do bebé, podem ser consultados no Quadro 3.

Quadro 3-
Médias desvios-padrão da versão portuguesa das escalas IRS

| | IRS ff | IRS al |
|---------------------|----------------|----------------|
| | <i>3 meses</i> | <i>3 meses</i> |
| | <i>(N= 51)</i> | <i>(N= 51)</i> |
| Mãe | | |
| <i>M</i> | 2,40 | 2,18 |
| <i>DP</i> | 0,46 | 0,40 |
| Bebé | | |
| <i>M</i> | 1,58 | 1,08 |
| <i>DP</i> | 0,32 | 0,28 |
| Escala total | | |
| <i>M</i> | 1,99 | 1,63 |
| <i>DP</i> | 0,37 | 0,32 |

DISCUSSÃO

As Escalas de Avaliação da Interação Mãe-Bebé, versão portuguesa das *Interaction Rating Scales* (Field, 1980), assumem-se como um instrumento robusto para a avaliação da interação na díade mãe-bebé, na situação de interação face-a-face e na situação de interação

alimentar, aos 3 meses de idade do bebé. Com efeito, a versão portuguesa das escalas mostrou elevados índices de consistência interna – Alfa de Cronbach 0,85 (IRSff bebé), 0,91 (IRSff mãe), 0,87 (IRSal bebé), 0,82 (IRSal mãe). Foi igualmente demonstrada a fidelidade teste-reteste – coeficientes de 0,86 (IRSff bebé), 0,90 (IRSff mãe), 0,87 (IRSal bebé), 0,82 (IRSal mãe) – e validade concorrente e preditiva das escalas.

Dado a sua administração fácil e breve, este instrumento - que, não obstante, contempla elementos chave para avaliar a qualidade da interação mãe-bebé nas duas situações mais relevantes nesta etapa desenvolvimental, a situação face-a-face e a situação alimentar, pode ser utilizado em diferentes amostras de mães e bebés e em diversos contextos, tanto clínico como de investigação. Pode ainda constituir-se um importante auxílio na avaliação da eficácia de programas de intervenção dirigidos à promoção da qualidade de interação mãe-bebé, sendo sensível, quer a condições que se mostraram desfavoráveis ao desenvolvimento da criança, como a depressão materna (e.g., Field et al., 2010; Figueiredo, 2007), quer à mudança em importantes dimensões da interação na díade mãe-bebé na sequência de intervenção (e.g., Field et al., 1980).

REFERÊNCIAS

- Bayley, N. (1993). *Bayley Scales of Infant Development. 2nd ed.* San Antonio, TX: Psychological Corp.
- Caldwell, B. M., & Bradley, R. H. (1984). *Administration Manual HOME Observation for Measurement of de Environment (Rev. Ed.)*. Arkansas: University of Arkansas at little Rock.
- Field, T. M. (1980). Interaction of preterm and term infants with their lower- and middle-class teenage and adult mothers. In T.M. Field, S. Goldberg, D. Stern, & AM. Sostek (Eds.), *High-risk infants and children: Adult and peer interactions*. (pp.113-132). New York: Academic Press.
- Field, T. M. (1984). Early interactions between infants and their postpartum depressed mothers. *Infant Behavior & Development*, 7, 517-522. doi: 10.1016/j.infbeh.2009.10.005
- Field, T., Diego, M., Hernandez-Reif, M., Figueiredo, B., Ezeil, S., & Siblalingappa, V. (2010). Depressed mothers and infants are more relaxed during breastfeeding versus bottlefeeding interactions: Brief report. *Infant Behavior Development*, 33, 241-244. doi: 10.1016/j.infbeh.2009.12.006
- Field, T., Sandberg, D., Garcia, R., Vega-Lahr, N., Goldstein, S., & Guy, L. (1985). Pregnancy problems, postpartum depression, and early mother-infant interactions. *Developmental Psychology*, 21, 1152-1156. doi: 10.1037/0012-1649.21.6.1152
- Field, T. M., Widmayer, S. M., Stringer, S., & Ignatoff, E. (1980). Teenage, lower-class, black mothers and their preterm infants: An intervention and developmental follow-up. *Child Development*, 51, 426-436. doi: [10.2307/1129276](https://doi.org/10.2307/1129276)
- Figueiredo, B. (1997). *Depressão Pós-parto, interação mãe-bebé e desenvolvimento infantil* [Postpartum depression, mother-infant interaction and child developmental, PHD Thesis]. Dissertação apresentada às provas de Doutoramento em Psicologia Clínica na Universidade do Minho, Braga.

- Jones, N. A., Field, T., Fox, N. A., Davalos, M., Malphurs, J., Carraway, K., ..., Kuhn, C. (1997). Infants of intrusive and withdrawn mothers. *Infant Behavior and Development*, 20, 175-186. doi: 10.1016/S0163-6383(97)90020-5
- Martinez, A., Malphurs, J., Field, T., Pickens, J., Yando, R., Bendell, D., ... Messinger, D. (1996). Depressed mothers' and their infants' interactions with nondepressed partners. *Infant Mental Health Journal*, 17, 74-80. doi: 10.1002/(SICI)1097-0355(199621)17:1<74::AID-IMHJ6>3.0.CO;2-1
- Parker-Lowen, D., & Lytton, H. (1987). Effects of short-term interaction coaching with mothers of preterm infants. *Infant Mental Health Journal*, 8, 277-287. doi: 10.1002/1097-0355(198723)8:3<277::AID-IMHJ2280080310>3.0.CO;2-X

Agradecimentos: Este trabalho foi financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do projeto “PTDC/SAL-SAP/1163738/2010”.

Anexo 1 - Interaction Rating Scales (Field, 1980)

ESCALA DE INTERAÇÃO FACE A FACE (IRSff)
Avaliação do bebé

| | |
|--|---|
| <p>A. Estado</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Predominantemente sonolento 2. Um tanto sonolento 3. Predominantemente alerta | <p>D. Contato Ocular</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Raramente olha para a mãe 2. Olha às vezes para a mãe 3. Olha frequentemente para a mãe |
| <p>B. Atividade Física</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Dobra/arqueia frequentemente as costas 2. Ocasionalmente dobra/arqueia as costas 3. Corpo relaxado com movimentos dos membros em direção à mãe | <p>E. Expressões Faciais</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Frequentemente mal-humorado ou com cara de choro 2. Expressão neutra 3. Ocasionalmente sorri ou expressa contentamento |
| <p>C. Orientação da cabeça</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Frequentemente desvia a cabeça da direção da mãe 2. Ocasionalmente desvia a cabeça da direção da mãe 3. Raramente desvia a cabeça da direção da mãe | <p>F. Rabugice e/ou choro</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Está frequentemente rabugento ou a chorar 2. Ocasionalmente rabuja 3. Não é rabugento |
| | <p>G. Vocalizações</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Não vocaliza 2. Vocaliza às vezes 3. Vocaliza frequentemente |
| <p>Resultado do bebé = Total / 7 _____</p> | |

Avaliação da mãe

| | |
|--|---|
| <p>A. Estado</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Predominantemente deprimida ou de aparência ansiosa 2. Um pouco deprimida ou um pouco ansiosa 3. Atenta e alerta | <p>F. Expressões Faciais</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Expressões de indiferença ou tensão 2. Alterna entre expressões de indiferença e tensão e expressões de contentamento 3. Frequentemente expressões de sorriso e contentamento |
| <p>B. Atividade Física</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Muito pouca actividade/em excesso 2. Alguma actividade 3. Actividade significativa para o bebé | <p>G. Vocalizações</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Constantes ou ausentes, não-contingentes 2. Algumas, um pouco contingentes 3. Apresentadas a um ritmo sensível, contingente |
| <p>C. Orientação da cabeça</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Frequentemente desvia a cabeça da direcção do bebé 2. Ocasionalmente desvia a cabeça 3. Raramente desvia a cabeça | <p>H. Comportamentos Infantilizados</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nunca imita o bebé ou apresenta comportamentos simplificados 2. Às vezes imita o bebé ou apresenta comportamentos simplificados 3. Frequentemente imita o bebé ou apresenta comportamentos simplificados a um ritmo sensível, contingente |
| <p>D. Contato Ocular</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Raramente olha para o bebé 2. Olha às vezes para o bebé 3. Olha constantemente para o bebé | <p>I. Resposta Contingente</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Raramente responde no mesmo género ou prontamente ao comportamento do bebé 2. Às vezes responde no mesmo género ou prontamente ao comportamento do bebé 3. Frequentemente responde no mesmo género ou prontamente ao comportamento do bebé |
| <p>E. Silêncio durante a aversão do olhar</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Raramente calada quando o bebé não olha para ela 2. Às vezes calada quando o bebé não olha para ela 3. Usualmente calada quando o bebé não olha para ela | <p>J. Comportamento de Jogo</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Raramente brinca com o bebé jogos apropriados à idade 2. Às vezes brinca com o bebé jogos apropriados à idade 3. Frequentemente brinca com o bebé jogos apropriados à idade |
| <p>Resultado da Mãe = Total / 10 _____</p> | |

ESCALA DE INTERAÇÃO ALIMENTAR (IRSal)

Avaliação do bebé

| | |
|---|--|
| <p>A. Estado</p> <ol style="list-style-type: none">1. Predominantemente sonolento2. Um tanto sonolento3. Predominantemente alerta | <p>D. Contato Ocular</p> <ol style="list-style-type: none">1. Raramente olha para a mãe2. Olha às vezes para a mãe3. Olha frequentemente para a mãe |
| <p>B. Atividade Física</p> <ol style="list-style-type: none">1. Dobra/arqueia frequentemente as costas2. Ocasionalmente dobra/arqueia as costas3. Corpo relaxado moldado ao da mãe | <p>E. Persistência na Amamentação</p> <ol style="list-style-type: none">1. Frequentemente rejeita o mamilo2. Às vezes rejeita o mamilo3. Raramente rejeita o mamilo |
| <p>C. Orientação da cabeça</p> <ol style="list-style-type: none">1. Frequentemente desvia a cabeça da direção da mãe2. Ocasionalmente desvia a cabeça3. Raramente desvia a cabeça | |
| <p>Resultado do bebé = Total /5 _____</p> | |

Avaliação da mãe

| | |
|---|---|
| <p>A. <u>Posição para aleitar</u> (note se o bebé é segurado do lado direito (1) ou esquerdo (2))</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Segura o bebé ao colo 2. Segura o bebé ao colo, protegendo-lhe a cabeça 3. Segura o bebé ao colo, protegendo-lhe a cabeça e as pernas | <p>D. <u>Vocalizações</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Frequentemente vocaliza durante a mamada 2. Às vezes vocaliza durante a mamada 3. Raramente vocaliza durante a mamada |
| <p>B. <u>Estado</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Predominantemente deprimida ou de aparência ansiosa 2. Um pouco deprimida ou um pouco ansiosa 3. Atenta e alerta | <p>E. <u>Remoção do Biberon/Mamilo</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Frequentemente iniciada pela mãe 2. Ocasionalmente iniciada pela mãe 3. Raramente iniciada pela mãe |
| <p>C. <u>Atividade Física</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Atividade excessiva 2. Alguma atividade 3. Pouca atividade | <p>F. <u>Arrotar</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Frequentemente põe o bebé a arrotar 2. Às vezes põe o bebé a arrotar 3. Raramente põe o bebé a arrotar |
| <p>D. <u>Orientação da cabeça</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Frequentemente desvia a cabeça da direção do bebé 2. Às vezes desvia a cabeça 3. Raramente desvia a cabeça | <p>G. <u>Persistência no aleitar</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Persistente no aleitar quando o bebé rejeita o mamilo/biberon 2. Um pouco persistente no aleitar quando o bebé rejeita o mamilo/biberon 3. Pouco persistente no aleitar quando o bebé rejeita o mamilo/biberon |
| <p>E. <u>Contato Ocular</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Raramente olha para o bebé 2. Olha às vezes para o bebé 3. Olha constantemente para o bebé | |
| <p><u>Resultado do Mãe</u> = Total / 9 _____</p> | |